V CONGRESSO
DO
PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

O PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS
TEM UM PROGRAMA!

Intervenção pelo camarada MELO

Edições «Avante!»
Outubro de 1957
<table>
<thead>
<tr>
<th>Pág.</th>
<th>coluna</th>
<th>linha</th>
<th>onde se lê;</th>
<th>deve ler-se:</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>1</td>
<td>1.ª</td>
<td>6 e 38</td>
<td>C. C.</td>
<td>Congresso</td>
</tr>
<tr>
<td>1</td>
<td>1.ª</td>
<td>23</td>
<td>numa reunião do C. C. como a</td>
<td>num Congresso como o</td>
</tr>
<tr>
<td>5</td>
<td>2.ª</td>
<td>40</td>
<td>C. C.</td>
<td>Congresso</td>
</tr>
</tbody>
</table>
O PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS TEM UM PROGRAMA!

Camaradas!

O nosso Partido, após 36 anos de abnegada luta em defesa dos interesses da classe operária e de todo o nosso povo, forçado pelo regime fascista de Salazar a viver a quase totalidade deste ano, numa difícil e rigorosa clandestinidade, chegou ao C.C. com o seu Programa.

A aprovação do Programa é um acontecimento de enorme significado. Ele reflecte-se em toda a vida e actividade do nosso Partido.

Elaborar o Programa do Partido é sempre uma tarefa difícil. Mas essa tarefa tornou-se bem mais difícil quando estamos sujeitos a uma rigorosa clandestinidade, quando a repressão salazarista assassina e prende continuamente preciosos quadros de Direcção, provocando um contínuo desgaste de quadros e não permitindo assegurar à Direcção do Partido a necessária estabilidade e continuidade de trabalho e de estudo.

Elaborar os Projectos de Programa e dos Estatutos, sugestões à discussão de todo o Partido, fazer as correções resultantes dessas discussões e pólos depois à aprovação numa reunião do C.C. como a que estamos a realizar, representa um enorme esforço, um trabalho desproporcional para todo o Partido e especial para o seu Comité Central.

Já lâ vão 5 anos e meio desde que a V.ª Reunião Ampliada do Comité Central, em Março de 1954, aprovou o projecto de Programa que a seguir foi largamente distribuído pelo Partido e sugeriu á sua discussão. Milhares de comunistas e de pessoas outras correntes políticas tiveram conhecimento dele. Centenas de camaradas discutiram-no e muitos deles fizeram críticas e sugestões.

O Projecto de Programa que agora se apresenta à discussão e aprovação do C.C. traduz o trabalho colectivo do Partido e em especial da sua Direcção, expressa as críticas e sugestões com que muitos camaradas contribuíram para a sua melhoria e reflete as modificações verificadas nestes anos, no plano interno e internacional.

Significam tais considerações que se desenvolveu em todo o Partido uma larga e aprofundada discussão em torno do Projecto de Programa? Não, camaradas. Apesar da clandestinidade a que estamos sujeitos, a discussão realizada ficou bastante distanciada das possibilidades existentes.

A herança do praticismo em que o Partido se forjou e desenvolveu reflectiu-se na discussão do Projecto de Programa. A sua elaboração e discussão foi substituída por todo o Partido e pelo próprio Comité Central. Por essa razão, nas organizações e na imprensa do Partido não se abrir um novo debate, o que teria contribuído para estimular outras críticas e provocar um debate de ideias de que todo o Partido beneficiaria.

O Programa do Partido Comunista Português é um programa que se baseia nos princípios do marxismo-leninismo aplicados às particularidades, às condições históricas e concretas da realidade do país. A sua elaboração testemunha uma maior maturidade política do nosso Partido e representa uma enorme contribuição à elevação do nível político e ideológico de todo o Partido e em especial do seu Comité Central. Mas a larga discussão do Projecto de Programa, em todo o Partido e não somente numa parte do Partido, asseguraria que o Programa reflectisse mais fielmente a opinião colectiva do Partido e teria dado um maior impulso na elevação do nível político e ideológico de todos os nossos militantes.

O aparecimento do Programa preenche uma série lacuna no trabalho do Partido, pois a classe operária e a sua vanguarda, o Partido Comunista, não poderiam ser a força dirigente do nosso povo sem um programa que servisse de guia para o Partido e de base para a união e mobilização do todo o nosso povo. Os militantes do Partido, todos os que se identificam com a ideologia comunista, todos os portugueses ficam a saber quais são os objectivos do Partido Comunista Português.

O Programa do Partido Comunista Português é a expressão dos interesses do nosso povo na luta pela paz, a democracia e a independência nacional. Ele procura reflectir na análise da realidade nacional, a aplicação das ideias criadoras e científicas do marxismo-leninismo às condições e particularidades do país.

O Programa do Partido Comunista Português não é uma coisa abstrata, mas um guia para a ação. Ele expressa a actual linha política do Partido, será a bússola que orientará toda a nossa ação para os objectivos que preconizamos para uma etapa determinada: para a mudança do regime fascista de Salazar e para o período imediato posterior à instauração do regime democrático.
A evolução da situação política é favorável às forças da democracia e da paz.

Desde a aprovação e publicação do Projeto de Programa, decorreu um período de mais de 3 anos. Neste curto período, rico de ensinamentos, deram-se profundas alterações políticas no panorama nacional e internacional. O povo, os grandes obreiros da história, estão modificando o panorama do mundo com uma rapidez nunca igualada na história das sociedades humanas.

O campo mundial do socialismo tornou-se uma força de atração irresistível para os trabalhadores e povo do mundo inteiro. O fortalecimento do campo mundial do socialismo e do movimento operário internacional, a luta libertadora dos povos coloniais e a decomposição de todo o sistema colonialista, conduziram ao enfraquecimento contínuo do sistema capitalista, modificaram a correlação de forças, deram ao campo mundial do socialismo uma enorme superioridade sobre o sistema capitalista.

Tais modificações tornaram possível impedir novas guerras, encontrar vários caminhos para os povo chegarem ao socialismo e encarar a possibilidade de certos países chegarem ao socialismo por meios pacíficos.

Tudo isto, aliado à denúncia da natureza da personalidade e de suas causas e consequências, pelo histórico XXº Congresso do Partido Comunista da União Soviética, que representou um forte impulso na edificação da sociedade comunista na União Soviética e enriqueceu os tesouros do marxismo-leninismo, abriu novos horizontes ao movimento operário internacional e deu novas perspectivas aos povos do mundo inteiro.

No plano interno, a situação econômica e política nacional também sofreu profundas alterações.

No passado, a demagogia salazarista conseguiu inflar e influenciar largas camadas da população e criar ilusões até mesmo nas massas trabalhadoras. Presentemente, essa demagogia já não consegue esconder a política anti-nacional da camara salazarista.

Hoje, não são sómente os trabalhadores e as camadas democráticas e progressistas que lutam contra o salazarismo. Várias outras camadas da população portuguesa, os intelectuais, os agricultores, comerciantes e industriais, largas camadas da pequena e média burguesia e da burguesia não-monopolista que, num passado ainda recente, apoiaram o regime ou se mantinham indiferentes quanto a ele, opõem-se também à política do governo de Salazar e lutam contra ele.

Como se diz no Projecto de Programa, a actual situação econômica e política do país é caracterizada, fundamentalmente, pelo domínio dos imperialistas norte-americanos sobre todos os aspectos da vida portuguesa e pela intensificação dos preparativos militares que agravam a crise econômica nacional.

Acentuou-se o domínio do imperialismo, principalmente dos Estados Unidos, através do Pacto do Atlântico e dos organismos que se sucederam ao Plano Marshall, sobre a economia nacional, a política externa e de preparação intensiva para a guerra, às forças armadas e partes do território nacional e das colónias. E o imperialismo norte-americano, são os monopólios nacionais e estrangeiros, os bancos, os grandes latifúndios, que comandam o colo de forças da organização corporativa, que dominam grande parte do solo e das principais riquezas de Portugal e das colónias, a indústria, o comércio e a agricultura, que entravam o desenvolvimento da Nação, asfixiavam cada vez mais a economia e a cultura nacional e lançam progressivamente na ruína a pequena e média indústria, a lavoura e o comércio.

A progressiva subordinação aos monopólios nacionais e estrangeiros determina o atraso econômico e cultural da Nação e das colónias portuguesas, faz prevalecer formas semi-feudais na divisão e exploração da propriedade agrícola e mantém Portugal entre os países atrasados e subdesenvolvidos. É tudo isto que determina a crescente concentração capitalista e uma maior pauperização e exploração das classes trabalhadoras, a exploração e a escravidão dos povos indígenas das colónias, os baixos salários, o baixíssimo poder de compra e nível de vida da grande maioria da população de Portugal e das colónias portuguesas.

O carácter anti-nacional do governo de Salazar acentua-se cada vez mais, ele é um instrumento dos monopólios nacionais e estrangeiros, que se mantêm no poder ilegalmente, pela violência, apoiado num enorme aparato repressivo capitaneado pela PIDE, que persegue e prende os melhores filhos do povo e os maiores valores nacionais, e priva o povo português e das colónias das mais elementares liberdades democráticas.

Tudo isto, provoca um maior descontentamento e crescentes lutas das mais variadas camadas do nosso povo, acentua a desagregação das forças que ainda apoiavam o salazarismo e determina modificações na correlação das forças que lutam e se opõem ao governo de Salazar.

Por outro lado, os esforços feitos para a constituição dos desvios de «esquerda» e de «direita» na linha política do nosso Partido e a luta contra as deficiências na actividade prática do Partido, estão abrindo perspectivas à luta do povo português, a colmatar o fosso que dividia as forças democráticas e a contribuir para uma mais larga mobilização das mais diversas camadas da população.
Um Programa de luta pela paz, pela democracia e pela independência nacional!

Camaradas:

As modificações no panorama político nacional e internacional e as corrupções feitas na linha política do nosso Partido, provocaram sensíveis alterações ao Projecto de Programa, que estava impregnado do sectorismo que caracterizava a orientação e a actividade prática do Partido.

Não pretendemos aqui analisar os erros e deficiências do Partido e todos os aspectos das corrupções e alterações feitas no Projecto de Programa, dado que o informe do Comitê Central apresentado pelo camarada Ramiro já analisou o panorama da actual situação política e das alterações que daí decorrem na linha política do nosso Partido. Limitamo-nos, pois, a anunciar algumas das alterações essenciais feitas no Projecto.

Camaradas:

O Programa deve-se subordinar às características dominantes do conjunto do País, aos seus aspectos essenciais e não às particularidades de cada região, classe ou profissão. Por essa razão, foram retirados do Projecto inicial certas reivindicações e não foram aceites as sugestões de alguns camaradas no sentido do Programa pormenorizar a situação e as reivindicações de certas classes, e citar certos dados estatísticos que na maioria dos casos têm um carácter bastante transitório, pois o Programa é para uma determinada etapa histórica.

O Programa não pode entrar na explicação do conteúdo de cada enunciado visto que a pormenorização torna mais extenso e dificultar a sua assimilação. Necessita de ser curto, preciso e concreto, pois, como disse um camarada, ao Programa do nosso Partido é um documento político de combate e não um diploma legislativo.

Na Reforma Agrária que o Programa preconiza não seria acertado especificar o limite máximo da propriedade agrícola. Precisamente porque tais limites terão de ser bastante variáveis de região para região. O mesmo se daria com a exigência que o Projecto inicial estabelecia das rendas de casa não ultrapassem 12% dos salários e ordenados dos inquilinos, o que beneficiarí;a a população de certos centros urbanos, mas agravaria a de certas regiões rurais. Noutros casos, o Projecto desvia a minha tarefa de fixar o horário de trabalho para as classes marítimas e piscatórias, o que é difícil de estabelecer desde já, devido às diversas especialidades e tipos de pesca existentes dentro da própria classe.

O Programa deve, pois, distinguir as questões essenciais e de princípio, das questões secundárias. O essencial é que o Programa atende o Partido, a classe operária e as massas com os princípios básicos e as directrizes fundamentais que os orientam na luta.

Dentro desta orientação, o título de «Programa do Partido Comunista Português» foi alterado para «Programa do Partido Comunista Português para a conquista da Democracia e melhoria das condições de vida do povo português». Precisamos, assim, os objectivos do Programa para um período histórico imediato. O título não corresponde à estrutura e objectivos do Programa, pressupunha objectivos ulteriores que exigiam a definição dos problemas decorrentes da edificação da sociedade socialista com classes, fata primária da construção de uma sociedade socialista. No Projecto, a parte programática estava demasiado ambiciosa, estabelecendo objectivos só possíveis numa fase avançada da sociedade socialista.

As corrupções feitas correspondem a orientação de precisar o carácter imediato do Programa, fixando as transformações preconizadas no marco das realidades actuais do país.

Na fase actual da luta, o programa que mais interessa à classe operária e ao Partido, é um programa que se situa nas condições históricas do momento, estabelecendo os princípios fundamentais orientadores da linha política e dos objectivos a alcançar no período da luta pela mudança do regime salazarista e numa fase imediatamente posterior à instauração do regime democrático. Os objectivos ulteriores do Partido só poderão ser sinitgidos gradualmente. As realidades da vida portuguesa, o atraso económico e cultural em que Portugal se encontra devido à criminosa política salazarista, a actual correlação de forças da classe, o grau de consciência política e de organização da classe operária e das massas, não permitem a classe operária a sua vanguarda, o Partido Comunista, colocar como tarefa imediata a realização de transformações socialistas. As realidades do país indicam-nos que as transformações de carácter democrático que asseguram a independência económica e política de Portugal e ao nosso povo uma vida mais desafiada, são as únicas que estão maduradas nas presentes condições.

Precisamente por isso, embora o Programa enuncie os objectivos ulteriores do Partido, ele é, fundamentalmente, um programa de acção com possibilidades de realização imediata. Como se diz no Programa, «o Partido Comunista Português tem por objectivo suprir a instauração do regime socialista e a construção da sociedade socialista em Portugal». A instauração do socialismo significará o termo das crises e do desemprego e representará a libertação
do nosso povo de toda a exploração do homem pelo homem, com todo o seu cortejo de misérias e de horrores. Na situação presente, não são possíveis tais transformações socialistas, mas é absolutamente possível substituir o actual governo fascista de Salazar por um governo democrático na base da unidade de todas as forças democráticas e anti-salazaristas, capaz de assegurar desde logo a satisfação das mais prementes reivindicações econômicas, políticas e sociais das massas trabalhadoras e do nosso povo.

E tendo em conta estas realidades nacionais, que a linha dominante do Programa do Partido Comunista Português se orienta no sentido de libertar Portugal do domínio do imperialismo e dos monopólios nacionais e estrangeiros, que o governo de Salazar defende e representa, e que impede o progresso da Nação, ameaçam a vida pacífica do povo português e privam o país das liberdades democráticas.

De acordo com esta orientação, a Reforma Agrária preconizada pelo Programa expropria somente a grande propriedade latifundiária que — conforme disse um camarada camponês nas apreciações feitas ao Projecto de Programa «na sua maior parte estão incluídas, metidas em bravios, com grandes matagias, levando anos e anos sem produzirem um bago de semente, terras que bem cultivadas, fertilizariam o celeiro da Nação, dariam ao nosso povo uma vida mais desafiogada».

O Programa estabelece «o respeito pela propriedade não-latifundiária». Isto significa que, com exceção dos latifundiários, todas as camadas do camponês estão interessadas numa Reforma Agrária, o que se justifica porque são os latifundiários um dos sustentáculos do salazarismo; são eles que mantêm o atraso da nossa agricultura e impede o seu desenvolvimento, que provocam o desemprego crónico dos assalariados agrícolas e a ruína dos pequenos e médios camponeses.

Tal como no Projecto inicial, o Programa estabelece a nacionalização das empresas monopólicas, mas quanto aos bancos precisa que só serão nacionalizados os bancos emissoros, defendendo uma «inspeção rigorosa a toda a atividade bancária e seguradora» e que «as empresas e capitais da burguesia nacional não-monopólista não deverão ser nacionalizados». Também neste aspecto somente os monopólistas sem pâtria, os que arrecadem centenas de milhares de contos de lucros por ano, à custa da miséria das classes trabalhadoras e da ruína da pequena e média burguesia serão atingidos por tais nacionalizações, pois elas beneficiarão até mesmo a burguesia nacional não-monopólista.

O Programa do Partido Comunista Português é, pois, um programa de combate da classe operária, mas os seus objectivos e reivindicações interessam a todas as camadas da população, a todos os que se opõem ao domínio do imperialismo e ao carácter fascista e monopólista do regime de Salazar. É um Programa de luta pela paz, pela democracia, pela independência e soberania nacionais.

Camaradas:

Opondo-se ao carácter fascista do governo de Salazar, o Partido Comunista Português preconiza no seu Programa um regime político verdadeiramente democrático, onde todos os cidadãos portugueses beneficiem de todas as liberdades democráticas e de igualdade de direitos, sem distinção de sexo, religião ou raça, onde os trabalhadores tenham liberdade sindical, de greve e possibilidades de conciliar livremente contratos colectivos com as entidades patronais.

Face à política imperialista do governo de Salazar para com os povos das colónias portuguêsas, que desejam libertar-se da opressão e do jugo colonialistas, o Programa do Partido Comunista Português orienta-se pelo princípio do internacionalismo proletário, pelo princípio de que um povo que opõe outros povos não pode ser um povo livre, defende que se dêem todas as possibilidades às populações dos territórios de Goa, Damão, Diu, Macau e Timor para decidirem dos seus destinos, incluindo a de se integram nos seus países de origem, defende o «reconhecimento incondicional do direito dos povos das colónias portuguêsas da África à imediata e completa independência».

Em lugar da política salazarista que ameaça arrastar o país para uma guerra de ação à ordens do imperialismo americano e uma política externa que conduz Portugal ao isolamento internacional, o Partido Comunista Português defende no seu Programa uma política externa de paz e neutralidade, baseada na cooperação e na possibilidade de coexistência pacífica entre todos os Estados, o estabelecimento de relações diplomáticas, económicas e culturais com todos os povos, sem exceção, na base da não-ingerência nos assuntos internos e do respeito pela soberania e interesses mútuos.

Contra a política clerical do governo de Salazar, o Programa do Partido Comunista Português defende um Estado laico, a separação da Igreja do Estado e ajuda a todos os habitantes do país, independentemente de sua crença religiosa.

Em oposição à criminosa política salazarista de abdicação nacional, o Programa do Partido Comunista Português tem como um dos seus objectivos fundamentais a defesa da independência e soberania nacionais, a denúncia de todos os tratados e compromissos de ordem internacional que sejam lesivos da independência da Nação e da vida pacífica do povo português, e a entrega da base das Lagens e a saída dos combateiros e oficiais americanos, ingleses e outros das unidades militares nacionais. No sentido de salvaguardar a independência económica da Nação, o Programa defende a autarquia das concessões minerais e industriais aos monopólios estrangeiros, a nacionalização das grandes empresas es-
A classe operária,
força decisiva na luta pela realização do Programa!

Camaradas:

O Programa do Partido abrange duas fases. A primeira fase, a mais imediata, é o afastamen-
to do Poder da camarilha salazarista e sua substituição por um governo representativo das
várias correntes de opinião anti-salarizantis. O Partido lutará para que esse governo restabeleça
as liberdades democráticas, promulgue uma ampla amnistia, dissolva a Assembleia Nacional, a
PIDE e outras organizações fascistas, resolve os problemas mais urgentes das classes laborio-
sas e eleve o seu nível de vida, publice uma lei eleitoral democrática, convoque o eleitorado
para a eleição dumha Assembleia Constituinte dentro do prazo máximo de seis meses, etc..

Entretanto, o Partido Comunista Português não deixará de apoiar, embora condicionalmen-
te, como se diz no Programa, «um governo de homens honrados que, substituindo a camarilha
salarizantis no Poder se proponha restabelecer as liberdades fundamentais, reconhecer aos par-
tidos políticos plena liberdade de agitação elei-
toral e respeitar a voz do povo através de elei-
cões livres». Esta fase de transição para um regime demo-
crático só terminará depois de realizadas elei-
ções livres e eleita uma Assembleia Constituinte. A segunda fase corresponde ao período da luta
pela integral democratização do país e melhoria das condições de vida do povo.

A luta pela mudança de regime é o factor
imediato na luta pela realização do Programa.
Para atingir esse objectivo, o Projecto de Pro-
grama só admite um único caminho: o levanta-
mento nacional, o recurso à violência. No Pro-
jecto que agora colocamos à apreciação do C.C.
coloca-se uma alternativa, existe a possibilidade
de conseguir esse mesmo objectivo por meios
pacificos. Como se diz no Programa, «servindo
o povo e o país, o Partido Comunista Português
considera que na actualidade é possível solucionar
o problema político português num sentido
democrático, sem necessidade de luta armada,
por meios pacíficos. Para se conseguir tal solu-
cão é imprescindível que se ponham de acordo
as forças políticas e sociais democratas e anti-
salarizantis, de esquerda e de direita».

E o Programa acrescenta: «Evitar mais violên-
cias, mais ódios e mais perseguições da ditadu-
ra salazarista, evitar uma luta sangrenta entre
portugueses, depende da acção dos comunistas,
da classe operária e das massas populares. De-
pende também da acção de alguns sectores da
burguesia nacional que durante muito tempo julgaram que Salazar defendia os seus interesses, mas hoje verificam que ele e o seu governo são agentes de um punhado de monopolistas e do capital estrangeiro cujos interesses defendem. Se estes sectores da burguesia compreendem a situação e, para defeza dos seus próprios interesses, unirem os seus esforços aos dos massas populares e lutarem também pela substituição da camarilha salazarista no governo do Estado, o caminho que conduz à democracia e à independência será menos doloroso. Se no nosso país se realizar uma ampla frente nacional anti-salazarista de luta pela mudança de regime, torna-se absolutamente possível fazê-lo sem guerra civil.

Se apesar dos esforços das forças democráticas e anti-salazaristas, o governo de Salazar, continuar a recorrer à ilegalidade para se manter no poder, e a responder com a violência às reclamações populares, às manifestações de massas de carácter pacífico, às aspirações da Nação no sentido de Portugal regressar à legalidade, a democracia e a uma política de paz e de independência, o nosso povo será forçado a responder à violência salazarista com a força revolucionária das massas. Nesse caso — como se diz no Programa — «a responsabilidade por uma tal saída recai inteiramente sobre o governo de Salazar e as forças e pessoas que o apoiam».

Se a mais larga unidade de todos os patriotas e anti-salazaristas poderá realizar a tarefa de edificar um regime democrático e um Portugal independente e soberano. O caminho a percorrer não será fácil. Trata-se duma luta contra o domínio do imperialismo e dos monopólios que o governo de Salazar representa, de substituir um regime que há 31 anos se apoderaram e se mantêm no poder, recorrendo à violência, à ilegalidade, ao arbítrio.

Nas presentes condições, as transformações democráticas que se impõem não poderão ser realizadas por um único partido ou por uma só classe. Mas será a classe operária com a sua vanguarda à cabeça, o Partido Comunista, em estrita aliança com o camponés, a força decisiva e capaz de congregar todos os portugueses ansiosos de libertarem Portugal.

A classe operária é a força mais poderosa e indestrutível. Sem os operários, as fábricas e os ofícios, as minas e as construções, os barcos e os transportes não funcionariam e a vida paralisaria. Sem os operários e os camponeses, não haveria pão nem alimentos e a vida seria impossível.

Unir e elevar o grau de organização, de consciência política e de combatividade da classe operária, é a nossa tarefa mais imediata e decisiva. Como se diz no Programa «a realização da unidade da classe operária e a organização de lutas pelas reivindicações económicas, políticas e sociais, cada vez em maior número e mais potentes, são o factor base para a construção da unidade de acção de todas as forças democráticas e anti-salazaristas. As acções de massas de vastos sectores, de todas as camadas populares e classes são, por sua vez, o factor chave para fazer decíduos os habitantes a virem engrossar a unidade e a luta. Serão as lutas de massas por reivindicações muito precisas que, mais devagar ou mais depressa, conforme a potência de que forão atingindo, conduzirão ao debilitamento, à desagregação contínuas das fileiras salazaristas. Serão elas que acabarão por levar à realização prática de uma ampla frente nacional anti-salazarista, frente nacional de acção que abrirá a possibilidade para a solução pacífica do problema político português num sentido democrático».

Camaradas:

Ante o nosso Partido coloca-se uma tarefa fundamental: discutir, estudar e assimilar o Programa. Ganhar todo o Partido para a luta pelo triunfo das ideias e dos objectivos do Programa, e o factor decisivo para a realização prática da linha política do Partido.

O Programa será uma poderosa arma na luta pelo fortalecimento político, orgânico e ideológico do Partido. Devemos fazer todos os esforços para que em todas as organizações e organismos do Partido se realizem reuniões especiais onde o Programa seja estudado e largamente discutido. Sómente assim podendo o Programa, o Partido e todos os comunistas estarão em condições de lutar por ele e de o explicar às massas. Sómente assim, também, o Partido e as massas poderão melhorar o Programa no futuro.

A acção do Partido deve estar subordinada à luta pelas exigências do Programa. Este pode e deve ser instrumento de recrutamento dos homens, mulheres e jovens que o acolhem, sem que disponham a lutar por ele, a ingressar nas fileiras do Partido e a fortalecer as suas organizações. Muitos trabalhadores vieram ao Partido e a luta contra o salazarismo depois de conhecê-rem o Projecto e muitos mais virão depois de conhecê-lo.

Muitos camaradas e muitos trabalhadores sem partido, tiveram a ingenuidade de supor que, bastaria substituir o regime de Salazar para que o Programa do nosso Partido fosse imediatamente realizado. Tais ideias testemunham a inapelável confiança no nosso partido. Mas o Partido do Partido não está desligado da vida, ele é um instrumento de luta. O Partido estabeleceu o seu Programa mas ele não será realizado sem luta. Quer no período actual de luta pela substituição do regime de Salazar, quer no

Ganhamos as massas para o Programa!
período de luta pela democratização do país e melhoria das condições de vida do povo, o Programa só será realizado se a classe operária lutar pela realização dos seus objectivos e, principalmente, se desempenhar um papel dirigente.

Não basta desejar que a classe operária seja a força dirigente na luta contra o salazarismo e pela realização de transformações de carácter democrático, pois esse papel dirigente só poderá ser desempenhado se a sua vanguarda, o Partido Comunista, fortalecer mais e mais as suas organizações, se a classe operária realizar a sua unidade nas mais variadas formas de luta, por reivindicações económicas, políticas e sociais, se elevar o grau da sua organização.

Como se diz no Programa, «unida, a classe operária representa uma enorme força de atração para as restantes massas laboriosas do País, sendo assim a base poderosa em que assentar a unidade de todas as forças democráticas e anti-salazaristas. A unidade e a luta da classe operária e de todas as camadas laboriosas do nosso povo terá a força decisiva capaz de arrastar atrás de si as camadas mais hesitantes. Só uma tal união de forças e de vontades terá capacidade para conquistar a liberdade e a democracia pelo afastamento do Poder da ditadura salazarista.»

Cada membro do Partido, cada operário ou camponês, cada intelectual, cada jovem ou mulher comunista, onde quer que trabalhe e lute, deve, pois e desde já, ligar á sua actividade quotidiana as reivindicações imediatas das massas, a luta pelos objectivos do Programa.

O Programa do Partido Comunista Português é o programa de combate da classe operária, mas não defende sómente os interesses da classe operária; ele expresa os anseios de todo o nosso povo e de todas as camadas sociais da Nação. Por isso, a luta pelo Programa está indissolublemente ligada não sómente à luta pela unidade da classe operária, mas também à luta pela aliança com o campesinato e pela união de todos os anti-salazaristas na luta pela solução pacífica do problema político português.

Será assim que o Programa do Partido Comunista Português, porque corresponde aos interesses nacionais, poderá e deverá transformar-se no Programa de todo o nosso povo e dos mais vastos sectores da população portuguesa. Todos os homens, mulheres e jovens das mais diversas tendências políticas e crenças religiosas, poderão fazer do Programa do Partido Comunista Português o seu próprio Programa.

Para isso, é indispensável divulgar ao máximo entre as massas, levar o Programa às fábricas, aos campos, às escolas, a todos os locais de trabalho, à intelectualidade, às donas de casa, aos camponeses e lavradores, aos comerciantes e industriais. No País não existe, presentemente, imprensa legal onde o Programa possa ser publicado, mas existe a possibilidade de publicar milhares de exemplares e a publicação, em separado, de outros milhares de capítulos ou extratos do Programa, de acordo com os sectores e camadas a que se destinem.

As massas só lutarão pela realização do Programa se o conhecerem e compreenderem a justízia dos seus objectivos. Por isso devemos fazer todos os esforços para que a divulgação do Programa se alie à realização de reuniões e discussões coletivas nos locais de trabalho e de residência, para discutir e explicar o Programa entre as vastas massas, onde estes o possam criticar, analisar deficiências e manifestar ao Partido as suas discordâncias.

Nós, os comunistas portugueses, não impomos a ninguém as nossas ideias, mas ao nosso lado poderão lutar todos os anti-salazaristas, mesmo aqueles que concordem sómente com um dos objectivos do nosso Programa. Dispomos-nos a lutar com todos os anti-salazaristas que possam ser nossos aliados, mesmo que temporariamente. Não seremos nós que pormos obstáculos ao estabelecimento de acordos e plataformas de acção comum, de carácter temporário ou não, adquirindo ou não expressões orgânicas, na luta por objectivos mesmo parciais do Programa do Partido Comunista Português.

Camaradas: A realização do Programa depende da unidade e da acção que forjarmos à sua volta. O Programa será uma poderosa alavanca na luta pela unidade da classe operária, de todos os patriotas e anti-salazaristas, na mobilização de todo o nosso povo; ele será um farol que iluminará o povo português na luta pela sua libertação.

Viva o Programa do Partido Comunista Português; Programa de luta pela paz, a democracia e a independência nacional!
V CONGRESSO
do Partido Comunista
Português

SOBRE O MOVIMENTO DA JUVENTUDE

Intervenção do camarada Melo

EDIÇÕES «AVANTE!»
OUTUBRO—1957
Sobre o Movimento da Juventude

Camaradas:

No Informe do Comité Central apresentado pelo camarada Ramiro ao Congresso do nosso Partido, faz-se uma justa análise do panorama político nacional e internacional, e aponta-se o caminho para se libertar Portugal das garras do salazarismo e fazer da nossa Pátria uma Nação livre e independente.

Ao nosso Partido coloca-se a tarefa de unir e pôr em movimento as mais vastas massas populares. Esta grandiosa tarefa só se tornará possível com a participação activa da Juventude que constitui uma das mais importantes camadas da população portuguesa.

Com idades não superiores a 24 anos existiam em 1950, mais de 4 milhões de jovens rapazes e raparigas, o que representa 48,1% da população total do país.

Em relação ao total da população activa do país (perto de 6 milhões de pessoas), existiam 1.860.000 jovens de 12 a 24 anos, isto é, 31,4% do total, sendo 900 mil raparigas.

Na agricultura labutam 461 mil jovens de idade inferior a 24 anos, o que representa cerca de um terço da população activa na agricultura.

Nas indústrias metalúrgicas metaio-mecânicas e eléctricas trabalhavam 28 mil jovens de 12 a 24 anos, isto é, 42,5% do total dos operários destas indústrias (115.000).

No fabrico de calçado e roupas existiam 142 mil trabalhadores, dos quais 63.175, isto é, 44,9%, eram de jovens até 24 anos, sendo 39 mil as raparigas com as mesmas idades.

Em todo o ensino secundário estudam 110 mil jovens (42 mil são raparigas) e no ensino superior 19 mil (sendo mais de 5 mil raparigas).

Estes números são a comprovação de que sem a participação activa da Juventude não pode haver movimentos de massas.

O Salazarismo — principal inimigo da Juventude

Depois de 31 anos de governo salazarista, a miséria, a opressão, o obscurantismo, a tutela do imperialismo americano e o perigo da juventude ser utilizada numa guerra de exterminio, são os benefícios resultantes da criminosa política salazarista.

Com o apoio e a instigação da camarilha salazarista intensifica-se por todo o país uma desenfreada exploração da mão-de-obra infantil e juvenil. 404 mil rapazes e raparigas de 12 a 14 anos e 438 mil jovens de 15 a 17 anos labutam nas fábricas e oficinas, nos campos e escritórios, com salários que muitas vezes não atingem 5000 diários e, em muitos outros casos, não recebem qualquer salário sob o pretexto da chamada aprendizagem.

Milhares de jovens passam anos numa aprendizagem que só existe para justificar salários mais baixos. Na indústria têxtil, por exemplo, há categorias onde o período estipulado para a aprendizagem é de 8 meses, quando 15 dias é o suficiente, sucedendo muitas vezes que o patronato os despede ao fim dos 8 meses e substitui-os por novos aprendizes. Milhares de jovens, particularmente as raparigas, são forçadas a recorrerem aos trabalhos mais dispares e não conseguem ter um oficio, aproveitando-se o patronato desta situação para os sujeitar a salários baixíssimos.

Para os jovens operários agrícolas e camponeses, o salazarismo significa além dos baixos salários, o desemprego permanente, a falta de um bocado de terra sua onde possam deitar uma semente, a destruição da pequena propriedade, as privações de todo o gênero.

Para os jovens estudantes, o salazarismo personifica o aumento das propinas, os livros caríssimos, uma alimentação cara e deficiente em quartos sem condições higiénicas e de estudo, o ensino retrógrado e desligado da vida, a falta de professores qualificados, de laboratórios e de escolas. Num inquérito feito a 2.500 jovens trabalhadores, pelo jornal católico Junvutude Operária (Abril de 1957), 80,9% declararam que não tinham continuado a estudar, após a instrução primária, por absoluta falta de recursos económicos da família.

Esta a razão porque, segundo o censo de 1950, somente 1,4% dos portugueses de 18 a 34 anos possuem
ou frequentam o ensino superior. E para uma parte dos que após todos os sacrifícios conseguiram tirar um curso, acabam por perguntar a si próprios para que servem os diplomas se não encontram emprego correspondente.

O salazarismo faz a apologia da família, mas dezenas de milhares de jovens vivem em "ilhas" e bárbaras, em fúrias, em quartos onde coabitam famílias inteiras e na maioria completa promiscuidade, impossibilitados de edificar um lar. Mais de metade dos partos que se dão no país não têm a mais leve sombra de assistência de médico ou de parteira. Em 1955, num total de 216 mil partos, não tiveram qualquer assistência 130 mil, isto é, 60,1%. Isto contribui para que morram em cada ano, 30 mil crianças portuguesas, com menos de 5 anos, cifras que representam uma média de cerca de 30%, do total de óbitos do país.

A juventude ama o desporto mas só uma reduzida percentagem o pode praticar por falta de piscinas, de ginásios (que se contam pelos dedos) e de parques desportivos. A educação física da juventude só poderá fazer-se desde que a juventude seja orientada e estimulada na prática intensiva da ginástica. Contudo, até nas escolas comerciais, industriais e universitárias não há ginástica e os poucos professores de ginástica diplomados pelo INEF, andam pelos clubes recreativos e desportivos a mendigar a abertura dumas classes de ginástica, mas que a vida difícil da grande maioria dos clubes não pode satisfazer, pois desporto e cultura também pagam impostos, são fontes de receita do salazarismo.

O salazarismo priva a juventude das mais elementares liberdades democráticas e sindicais e esforça-se por amordaçar o seu espírito crítico e criador. Milhares de jovens, por lutarem pelos seus direitos, têm passado pelas mamasorras da Pide, jovens como o estudante Branco, o operário Germano Vidal, o operário agrícola Alfredo Lima, a camponesa Catarina Luísa, foram assassinados cobarde e silenciosamente e jovens como Maria Angela, Maria Cecília, Carlos Costa, Ramos de Almeida, Vasco Cabral, Nuno Duarte, Angelo Veloso e outros, vítimas de processos-farsa, foram condenados a longos anos de prisão e sujeitos a medidas de segurança que podem significar a prisão perpétua.

O salazarismo faz a nação heróica dos descobrimentos, mas Camões, que cantou essas epopeias é desconhecido da nossa juventude e Portugal é colonizada pelos imperialistas americanos. Fala-se chamado "mundo livre" mas a juventude portuguesa ainda não conhece o sol da liberdade.

O salazarismo fala à juventude na chamada "utilização ocidental" para onde o imperialismo norte-americano exporta as "virtudes" do ódio racial, dos mais baixos instintos, que dão origem a que um psiquiatria americano afirmasse não há muito, que mais de cinquenta por cento da juventude do seu país era constituída por psicopatas, daí o aumento vertiginoso e cada vez mais grave da delinquência e da criminalidade entre os adolescentes.

Por sua própria natureza, a juventude ama a paz, a convivência entre jovens de todas as raças, ideologias, camadas sociais e nações. Porém, o salazarismo fomenta o ódio entre os povos, envia milhares de jovens soldados para Goa, milhares de quilômetros de suas famílias e procura utilizá-los na vã tentativa de esmagar o movimento de libertação dos povos das colônias portuguesas. O salazarismo põe Portugal à disposição dos fomentadores da guerra americano e a nossa juventude corre o perigo de ser sacrificada numa guerra de exterminio, como o demonstrou a agressão ao Egipto, para onde seria deslocada uma divas das tropas portuguesas às ordens do NATO, se as forças imperialistas agressoras não tivessem sido forçadas a desbandar.

Para o salazarismo, os países do campo do socialismo constituem a chamada "corta de ferro", mas por receio dos confrontos os jovens suspeitos de dessejam participar no Festival pela paz e a amizade, recentemente realizado em Moscou, foram proibidos de sairem do país. O ódio salazarista à União Soviética não consegue impedir que a nossa juventude seja atraída cada vez mais pelas ideias lúminosas do socialismo e veja na URSS o país onde acabou a exploração do homem pelo homem, onde se constrói vitoriosamente o comunismo, o baluarte da paz entre os povos, o país onde a juventude tem uma vida feliz, um futuro radioso que pode dar total expansão ao seu patriotismo e poder criar.

A experiência da juventude, uma experiência viva inteiramente sob o regime salazarista, com o seu cortejo de misérias e opressões de todas as espécies, é suficientemente dolorosa para compreender que o salazarismo nada de bom pode esperar. Entre a expressão do caráter de classe do regime salazarista e as reivindicações e aspirações da juventude, abre-se um verdadeiro abismo.

A jovem geração portuguesa não está com o salazarismo que a oprime e explora e tem participado activamente na luta geral do nosso povo. Com o desenvolvimento de dezenas e dezenas de pequenas e grandes acções e movimentos de massas que mobilizaram amplas massas de jovens de todas as camadas sociais, a juventude criou, em 1946, o MUD Juvenil, que unia nas suas fileiras, sômente após um ano de existência, cerca de 20 mil aderentes, o que é bem uma demonstração do espírito combativo que anima a nossa juventude.

Foi o MUDJ que, na primaveras de 1947 realizou a Semana da Juventude que mobilizou e uniu milhares de jovens de várias regiões do país em múltiplas actividades recreativas, culturais e desportivas, entre as quais se conta a magnífica jornada de Bela Mandil, no Algarve.

Os jovens trabalhadores tiveram uma participação activa nas greves das construções navais em 1947 e noutras lutas da classe operária; nas greves e concentrações dos assalariados agrícolas do Alentejo e Ribatejo, nas quais se conta a manifestação contra o assasindado do jovem camponês Alfredo Lima, em Alpiarça, e em dezenas de muitas outras lutas.

Os jovens estudantes têm provado que continuam fiéis às tradições de luta do passado, como o demonstram as greves, as manifestações e o luto académico de 1947, em Lisboa, Coimbra e Porto e, mais recentemente, o largo movimento de protesto em manifestações de rua e na Assembleia Nacional. Os estudantes de Coimbra e Lisboa, contra o decreto 40.900, em que a Assembleia Nacional foi forçada pela 1a vez ao longo de 31 anos de regência fascista, a reger um decreto promulgado pelo governo.

A juventude tem vindo em benefício da sua presença nas lutas do povo português pelas liberdades democráti-
Ganhar a juventude para o lado das forças democráticas

Na luta pela libertação do país da tiranha do imperialismo e da camarilha salazarista, a juventude desempenhará um papel positivo ou negativo, conforme o lado em que se coloque.

O salazarismo tem-se esforçado para atrair para o seu lado as grandes massas da juventude portuguesa. Sob a inspiração do nazismo hitleriano e do fascismo mussoliniano, o salazarismo criou a Mocidade Portuguesa com o objectivo de enquadrar uma única organização toda a nossa juventude e educá-la no espírito do fascismo e do militarismo.

Tais esforços têm sido baidados embora 31 anos de educação e opressão fascista tenha criado uma atmosfera de terror e mordida à juventude no seu espírito crítico e criador. O congresso da M.P., realizado em 1936, evidenciou a encravilha a crise em que se debate a M.P., tal como o regime que a criou.

Mas o salazarismo não desistiu de atrair para o seu lado a juventude ou pelo menos, para a neutralizar e impedir que se uma luta ao lado das forças democráticas. As constantes solicitações e apelos veem-se utilmente por ministros e dirigentes salazaristas à juventude, demonstram que o salazarismo reiniciou uma nova ofensiva para tentar ganhar a juventude.

Nesse sentido, o salazarismo procura corrigir os processos inicialmente imprimidos à MP, camuflar o carácter pré-militar dessa organização e desenvolver ao máximo a prática de diversas modalidades despoticas, para que colocou novos meios à disposição da MP, nomeadamente os estádios universitários de Lisboa e do Porto.

A realização no verão deste ano, no Estádio Nacional e com a presença de quase todo o governo, dum manifesto despoticamente que deram o nome de «Festival da Juventude» — designação esta já usada pelo MUD) em diversas das suas realizações — testemunha também o sentido em que o salazarismo e a MP estão orientando os seus esforços. Num dos vários prospectos que últimamente têm feito circular entre a juventude dis-se que «é preciso que de norte a sul do país a Mocidade esteja o seu acampamento, e jogo, e brinque, e trabalhe, e cante, e reze, na plena e só alegria da natureza».

É caso para dizermos que o lobo tenta vestir a pele do cordeiro... Todas sabemos que o salazarismo dispersou com carros de assalto e metralhadoras a confraternização juvenil realizada em Bela Mandil; que a Faculdade de Medicina de Lisboa foi em 1947 assaltada por fortes contingentes da PIDE e da PSP, que espançaram bárbaramente e prenderam dezenas de estudantes; que dezenas de estudantes foram recentemente espancados em frente da chamada Assembleia Nacional; que têm proibido acampamentos colectivos de campistas; que dezenas de jovens têm sido presos sómente porque confraternizam e cantam, como sucedeu ainda recentemente na excursão de jovens do Barreiro a Alpiarça.

A realidade é que, à vista das massas, o salazarismo tenta vestir a pele do cordeiro, mas em cada sector juvenil vai imprimindo um carácter cada vez mais marcial e militarista e forçando grandes massas de jovens a ingressar nas fileiras da MP.

Recentes disposições colocam todos os estudantes universitários em idade militar na alternativa de interromperem os estudos por 18 meses ou frequentarem anualmente os cursos de preparação militar da MP e perderem o gozo das suas férias anuais nos acampamentos e manobras que os mesmos envolvem.

Também com o objectivo de forçar milhares de jovens com menos de 16 anos interessados em jogar futebol a ingressarem na MP e sujeitarem-se às suas actividades pré-militares, numa recente entrevista ao jornal «Minuto Desportivo» (8-7-937), o presidente da Federação Portuguesa de Futebol preconiza um entendimento entre a MP e a Federação, as Associações e os clubes, para criar nos clubes centros extra-escolares da MP, fiscalizados pelos inspectores da MP, como sendo a única forma de permitir que os jovens de idade inferior a 16 anos possam praticar futebol. Tal imposição significará — se for posta em prática — transformar os clubes em apêndices da MP e forçá-los a financiar e a consentir as actividades militaristas da MP estranhas aos clubes desportivos.

O salazarismo está pois, procurando modificar e reinar os processos e os meios, mas os seus objectivos mantêm-se. Educar a juventude no espírito fascista que caracteriza o regime e que designam por «consciência nacionalista» num dos tais prospectos que têm distribuído e onde também está salientada a necessidade de «desenvolver o sentimento de ordem, o gosto da disciplina e o culto do dever militar» e a comprovação de que os processos podem alterar-se mas os fins continuam a ser os mesmos.

A prova está também o acordo estabelecido logo a seguir ao Congresso da MP, em 1956, com a milícia fascista da Legião Portuguesa, onde se estabeleceu que a MP «considerará sempre os seus filiados...
a alistar-no na Legião Portuguesa» e que «a MP procurará, na medida do possível recrutar os seus instrutores do quadro geral entre os filiados da L.P.».

A provável também, está o recente decreto 40.000, cujo objectivo consistia em liquidar as Associações de estudantes e integrar todas as suas actividades e organizações na MP.

Sem a juventude, o salazarismo não poderá sobreviver. Dá os intensos esforços que está desenvolvido para criar ilusões e alicerçar a juventude. Substinar estes esforços seria manifestamente prejudicial à luta da juventude e de todo o nosso povo. E um dos maiores prejudicados consiste na resistência — que é indispensável vencer caso ela persista — dos nossos camaradas e dos jovens progressistas em actuar junto da MP.

Nas fileiras da MP encontra-se uma minoria insignificante de filhos de salazaristas que constituem a Milícia e a Liga dos Antigos Graduados. Mas também lá se encontram os milhares de jovens dos liceus obrigados a pertencerem à MP e todos aqueles que procuram praticar as modalidades desportivas e recreativas que a MP se esforça para desenvolver.

Nos centros extra-escolares espalhados por muitas localidades do país encontram-se muitos jovens trabalhadores, atraídos pelo campismo, o futebol, a vela e o hipismo, cantos corais e outras actividades recreativas, com que a MP procura disfazer a sua preparação militar e fascista. Não actuar nestes centros extra-escolares e em todos os centros da MP, será facilitar ao salazarismo a sua acção perniciosa entre os milhares de jovens que pertencem obrigatoriamente ou não à MP.

Os comunistas devem estar onde está a juventude. Deve-se utilizar-se dos meios que dispõe a MP para defender os interesses da juventude, lutar contra a demagogia da MP e para que as suas modalidades desportivas possam ser praticadas por todos os jovens, lutar contra o carácter pré-militar da MP e, dentro das suas próprias fileiras, lutar pelos anseios de todos os jovens e uni-los na luta contra o salazarismo.

Entretanto, há que salientar que não é somente a salazarista que está realizando esforços para atraer as massas juvenis. O mesmo está sendo feito pela Igreja Católica, através das organizações da juventude católica (J.I.C., J.A.C., J.E.C., J.U.C., J.O.C.), que são das mais importantes organizações juvenis existentes no momento presente. A Igreja Católica, sentindo a pressão do descontentamento das massas do país e recebendo perder a influência que exerce em largas camadas, devido ao apoio que sempre tem prestado ao salazarismo, está procurando alargar a sua influência nas massas juvenis e a ir ao encontro dos problemas vivos da juventude, analisando-os de maneira viva e realista.

Os jornaís, mensais da J.O.C. e J.O.C. Feminina, («Juventude Operária» e «Vidas de Alegrias»), têm aumentado progressivamente as suas tiragens, que oscilam entre os 25 e 30 mil exemplares. O mesmo se verifica com os jornais dos estudantes da J.U.C. («Encontro»), e com o jornal dos pré-jovens («O Aprendiz»).

Recentemente, foi organizado na CUF, do Barreiro, um curso dirigido por um jovem padre no qual participam cerca de 100 jovens, incluindo não-católicos, tendo sido eleita entre os participantes a direcção do curso. Segundo se diz, pretendem discutir todos os problemas da juventude, incluindo o problema dos salários e as questões ideológicas. Um dos temas em discussão é sobre quais são os dois sistemas que hoje comandam os destinos do mundo.

Este exemplo é bem significativo e indica-nos que a Igreja procurará organizar cursos semelhantes noutras empresas. Ele e a demonstração dos enormes esforços que a Igreja está fazendo para atrair e organizar a juventude operária, não recebendo ir ao encontro dos anseios e problemas que mais a preocupam e procurando, ao mesmo tempo, neutralizar a crescente atração que as ideias triunfantes do Socialismo está encontrando entre a juventude.

Por sua vez, as Juventudes Monárquicas triunham o mesmo caminho. O semanário monárquico, «O Debater», iniciou a publicação de uma página inteiramente dedicada à juventude, onde apelaram para a colaboração dos jovens republicanos, democráticos e socialistas porque — dizem — a página não os divide pelas suas ideias, é de todos.

O mesmo sucede com alguns partidos, agrupamentos e individualidades democráticas que também iniciaram esforços para se aproximar da juventude e fazem tentativas para a criação de agrupamentos entre os jovens progressistas.

O facto do salazarismo e outras forças políticas e sociais fazerem constantes apelos à nossa juventude e acenarem-lhe com promessas e solicitações de todos os tipos, é bem o testemunho do papel decisivo que a juventude tem a desempenhar. Esta situação exige que todo o nosso Partido, como vanguarda da classe operária e principal destacamento de combatente na luta pela ampla frente nacional anti-salazarista, compreenda que é a ele, principalmente, que cabe a tarefa de subtraí-la juventude de influências estranhas aos seus interesses, a tarefa de esclarecer e habilitar os jovens a compreenderem que os seus anseios só poderão ser satisfeitos lutando ao lado das forças patrióticas, ao lado das forças democráticas e anti-salazaristas.

Unir, organizar e mobilizar a juventude em defesa dos seus direitos e das suas nobres aspirações é uma das tarefas mais decisivas do momento.

**O Partido e o Movimento da Juventude**

É ao nosso Partido que cabe a tarefa de ajudar a juventude a lutar pelas suas reivindicações e anseios, facilitar-lhe o seu agrupamento e orientá-la para a ação. Ganhar a juventude para a luta comum de todo o nosso povo, atraí-la para as ideias luminosas do socialismo e às fileiras do nosso Partido, é uma questão de máxima importância. A juventude é aqui-lo que nasce e cresce e, na realidade, « quem ganhar
SOBRE O MOVIMENTO DA JUVENTUDE

a juventude ganhará ao mesmo tempo o presente e o futuro.

O nosso Partido necessita de fazer uma autêntica viragem na sua actividade em relação ao movimento da juventude. Todo o nosso Partido e cada comu-

nista deve compreender-se que é nossa tarefa viver e compreender os problemas da juventude e o papel decisivo que ela pode e deve desempenhar.

Quando alguns camaradas preconizam, ainda hoje, que os jovens membros do Partido só devem receber orientação do movimento juvenil onde actuem, que o Partido se deve limitar a apontar indicações muito gerais e deixar aos jovens o trabalho de encontrar as soluções, esquecem-se que é ao Partido Comunista, vanguarda da classe operária, unido à bálsola do marxismo-leninismo e com a experiência adquirida ao longo de 36 anos de luta que pertence a respon-
sabilidade política de unir, organizar e mobilizar a juventude na luta pelos seus interesses e aspirações. A juventude está indissoluvelmente ligada ao nosso povo e só poderá ver satisfeitas as suas aspirações se aliarm a sua luta à luta geral do nosso povo.

Camaradas!

Já lá vão 11 anos desde que o 2º Congresso Legal do nosso Partido traçou uma viragem em relação ao movimento da juventude ao dissolver a Federação da Juventude Comunista Portuguesa (FJCP), e ao preconizar a concentração de todos os esforços na criação e desenvolvimento das organizações legais de juventude, na criação de uma organização nacional legal da juventude progressista.

A viragem preconizada e as condições então existentes permitiram que após o 2º Congresso, o mo-

vimento da juventude tivesse sensíveis progressos. Surgiram novas organizações juvenis e outras alargaram a sua influência. O Movimento de Unidade Democrática Juvenil (MUDJ), que então iniciava os seus primeiros passos, foi uma dessas organizações.

Em 1947, Alvaro Cunhal afirmava com razão, no informe do Se relatório ao Comité Central, que o MUDJ constituía pelo que é e pelas perspetivas imediatas que se lhe oferecem, o mais impor-
tante movimento de massa juvenil já existente no país. O rápido desenvolvimento e in-

fluência do MUDJ, o seu carácter nacional e de massa, levaram-nos a concluir que o MUDJ tinha todas as condições para assegurar a unificação da ac-

tividade juvenil em todas as organizações legais de massa, conforme preconizara o 2º Congresso.

Desde a criação do MUDJ, em 1946, até às gran-
diosas jornadas de luta em volta da candidatura do General Norton de Matos, viveu-se um período de largo aceno da luta democrática. Mas a partir de 1949 iniciou-se um período de reflexo e o Partido prosseguiu na mesma orientação sem ter em conta a intensa e constante repressão salazarista desencadea-
da contra o MUDJ, o posterior desaparecimento do MUD e a rotura da unidade entre as forças demo-

cráticas a partir de 1949. Tudo isto, aliado ao secta-

rismo em que o Partido mergulhou, particularmente a partir de 1949, reflectiu-se profundamente em todo o movimento da juventude.

Afirmamos diversas vezes que a raiz das deficiên-
cias do movimento juvenil e o principal obstáculo ao seu desenvolvimento residem nas demasiadas preo-
dupicações políticas e no conteúdo sectário da activi-
dade e da linguagem do MUDJ. Espequiamo-nos, porém, que isso não era mais do que o prolongamen-
to do sectarismo que se anichara no Partido, era o resultado da orientação que a Direcção do Partido impartiu aos nossos camaradas que militavam no mo-
vimento da juventude.

Embora o nosso Partido defenda o carácter in-
dependente do movimento da juventude, a realidade é que muitas vezes agiamos de forma a colocar os jovens e as suas organizações sob tutela, impondo-
-lhes as nossas ideias e directizes e interferindo, na prática, com o carácter independente dessas organi-
zações. Isso contribuiu para que os nossos jovens camaradas que militavam no seio do movimento da juventude se sentissem manietados, recolhessem ter iniciativas sem ouvir previamente o Partido.

Sofrendo a influência do nosso sectarismo, era na-
tural que muitos jovens seguissem os nossos métodos e que em muitos casos quizessem mesmo ser mais papistas do que o papa. Além disso a chamada «política da «massacra» teve o seu natural prolongamento no MUDJ, expulsando das suas fileiras, muitas vezes sem razões justificáveis, dezenas dos seus aderentes.

A subestimação que tem havido no Partido pelos problemas da juventude e o dogmatismo da nossa orientação levou-nos a sobrestimar as reais possibili-
dades do MUDJ e a concluir que ele tinha todas as possibilidades para unir e mobilizar a juventude. Nós dizíamos que todos os jovens deviam lutar nas fileiras do MUDJ e dele receberem orientação para as suas actividades, isto é, canalizámos os nossos esforços a respeito do movimento da juventude num único sentido. E ao identificarmos o MUDJ com o mo-
vimento geral da juventude, não vívamos em conta que o MUDJ não possuía qualquer trabalho organi-
izado em muitas regiões e, por isso, muitos jovens não eram atraídos à luta e ficavam perdidos. Esta orientação, particularmente nos últimos tempos, constituiu um travão ao aproveitamento de todas as organiza-
ções juvenis e ao desenvolvimento de todas as possibilidades legais do movimento juvenil.

No Partido continuou, pois, a prevalecer a tradição negativa de atribuir exclusivamente aos jovens a ta-
rela de unir e mobilizar a juventude, de os respon-
sabilizar por aquilo que a todos nós compete realizar. Esta subestimação pelos problemas da juventude levou-nos a esquecer que é ao nosso Partido que cabe a tarefa de mobilizar as suas forças para auxiliar os jovens a lutar pelas suas reivindicações e anseios. Porém, o que sucedeu muitas vezes, foi o Partido procurar suprimir as suas dificuldades e deficiências à custa do movimento da juventude, contribuindo por essa forma para o MUDJ desviar grande parte da sua actividade da luta pelos interesses imediatos e específicos da juventude, para lutas a que se devia manter estranho, ou pelo menos menos afastado.

Por esta forma, o MUDJ foi progressivamente ar-
rastado para posições esquerdistas e sectárias e lan-
gado, ele também, nas recriminações mútuas em que as forças democráticas caíram. Tudo isto contribuiu para facilitar ao salazarismo desencadear uma intensa repressão contra os jovens e apresentar o MUDJ como um movimento identificado com os comunistas.

O retrocesso que se começou a verificar no mo-
vimento da juventude a partir de 1949 está, pois, in-

timamente relacionado com o sectarismo e o esque-
dismo em que o MUDJ caiu progressivamente. Por estas razões, muitos jovens de diferentes convicções políticas e crenças religiosas que militavam no MUDJ, muitos deles em Comissões dirigentes, abandaram as suas fileiras, reduzindo assim progressivamente, o caráter de ampla unidade que caracterizou o MUDJ nos primeiros anos da sua existência. Particularmente nos últimos anos, o divorcio entre o MUDJ e as grandes massas da juventude acenou-se, restringindo-se por isso a sua organização e o seu caráter legal e de massas, levando os jovens a não confiar já nas possibilidades legais do MUDJ.

Os sensíveis progressos do movimento da juventude a partir de 1946 foram o resultado do ascenso da luta democrática, dos esforços e da justiça da orientação imprimida pelo nosso Partido. Mas também é indispensável reconhecer e termos a consciência de que o posterior retrocesso verificado no movimento da juventude está relacionado com a divisão das forças democráticas, com o seccionalismo e as deficiências do nosso Partido, particularmente da sua Direcção.

Mas as nossas deficiências e erros, o dogmatismo da orientação do Partido manifestou-se também na aplicação das directizes do 2º Congresso, quanta a determinação de formas orgânicas para o movimento juvenil, tarefa que o Comité Central ficara encarregado, mas que não cumpriu inteiramente. Daí resultou que não só limitámos o recrutamento de jovens para o Partido, como também restringimos a criação dos organismos preconizados pelo 2º Congresso, isto é, de organismos legais que asseguram uma direcção comum, uma orientação justa a todos os movimentos e organizações legais de juventude, constituídos por camaradas do nosso Partido, responsáveis perante o Partido pela condução da actividade juvenil (Duarte, informe de Organização).

Em consequência disso, impedimos que muitas centenas de jovens tivessem acesso ao Partido e que os jovens comunistas que militavam no movimento da juventude, em particular no MUDJ, tivessem o indispensável auxílio. Isso contribuiu para que muitos deles, embora devidos à luta, tivessem manifesta falta de espírito de Partido. Estas deficiências também contribuíram para que mais se acentuassem a tradicional subestimação do Partido a respeito do movimento da juventude. Mesmo na Direcção do Partido, os problemas relativos à juventude têm sido subestimados e analisados mais em função do MUDJ do que em relação com o movimento geral da juventude.

Por todos estes fatos o Partido, no seu conjunto, foi-se desligando da actividade juvenil e muitas organizações do Partido, pela falta de recrutamento de jovens, por ausência de apoio e entusiasmo juvenil, por não terem ao seu lado organizações juvenis de massas, tornaram-se organizações sem reservas e foram envelhecendo progressivamente.

Perante estas deficiências alguns camaradas preconizam hoje a reorganização da FJCP e defendem a ideia de que a Federação não devia ter sido dissolvida. Na condicão do passado como na do presente, a FJCP foi e seria forçada a viver numa rigorosa clandestinidade que a impedia e a impediria de desenvolver uma larga actividade de massas entre a juventude. Reorganizar a FJCP seria criar um pesado aparelho clandestino que absorveria grande parte das energias dos jovens mais dedicados e esclarecidos, seria distraí-los da sua preocupação fundamental: criar e desenvolver organizações juvenis legais, de massas. A tarefa que se coloca ao nosso Partido não é organizar e mobilizar apenas uma pequena elite de jovens comunistas, mas sim as grandes massas da juventude portuguesa, os jovens de diferentes camadas sociais e tendências políticas e religiosas, os jovens operários e camponeses, os estudantes e empregados, os rapazes e raparigas.

Consideramos ainda hoje válidas as ideias expressas pelo camarada Duarte no informe do Comité Central ao 2º Congresso do nosso Partido, ao afirmar que "num país fascista como o nosso, onde temos sido forçados à mais estrita ilegalidade, uma organização juvenil de massas não é possível constituir-se ilegalmente. Esta é uma verdade que nos é afirmada por todo a nossa experiência de trabalho. Não há bons-sentidos, heroísmos e sacrifícios, não há militantes por mais dedicados, ativos e capazes, que consigam edificar uma organização juvenil de massas ilegal. As massas da juventude não vêm a uma organização ilegal. Sendo assim, quaisquer organizações juvenis de massas terão que ser legais. E em organizações e movimentos legais da juventude que educaremos os jovens trabalhadores e a juventude em geral no espírito do marxismo-leninismo, e não em organismos estreitos e sectários, separados da vida corrente da juventude, dos seus problemas diários, das suas dificuldades e angústias.

Entretanto, a nossa discordância em reorganizar nas presentes condições, a FJCP, não significa perscrutar a errada orientação de pôr limitações aos jovens que queiram e tenham condições para vir ao Partido. Persistir nesta orientação, seria tentar impedir que as ideias triunfantes do Socialismo encontrem uma crescente atração entre a juventude, seria privar o Partido de forças e de reservas que só a juventude poderá oferecer, seria condenar o Partido ao envelhecimento.

Grande número de jovens estão procurando ingressar no nosso Partido. Só nos devemos animar quando a juventude procura o Partido, pois as nossas organizações só poderão renovar-se, rejuvenescer-se e desenvolver-se onde exista uma constante adesão de jovens às suas fileiras.

Foi Léenne que disse: «Não é normal que entre nós, no Partido da Revolução, predominem a juventude? Não somos o partido do futuro e o futuro pertence à juventude. Somos o partido dos inovadores e a juventude deve sempre ser a vanguarda e os inovadores. Somos o partido da luta plena de aberração contra a velha podridão e a juventude propaga a cabeça dos luidadores plenos de aberração».

Ao iniciarmos a rectificação, embora parcial, da esquemática orientação que impedia o ingresso no Partido de todos os jovens com condições, foram evidentes os progressos nas acções desenvolvidas por certos sectores juvenis e o rejuvenescimento, alargamento e consolidamento de muitas organizações do Partido. As portas do Partido devem, pois, ser abertas a todos os jovens que possuam as condições estabelecidas pelos Estatutos para ingressar nas filiações do Partido. Todos os jovens que vierem ao Partido devem ficar integrados nas diversas células do Partido, onde quero que elas existam e seja possi-
SOBRE O MOVIMENTO DA JUVENTUDE

vel, constituí-las sob o controle das respectivas organizações de empresa, locais, de zona e regionais. Uns ficarão integrados no trabalho organizativo do Partido, ao lado de seus companheiros adultos. Outros, ficarão a actuar no seio do movimento da juventude, no seio das organizações juvenis.

O recrutamento de jovens para o Partido não significa disfrazar do seio das organizações juvenis todos os jovens que vierem ao Partido. Uma grande parte desses jovens devem ser orientados para a luta legal, para o fortalecimento e desenvolvimento do movimento da juventude, que é uma das nossas mais urgentes tarefas. Isso significa que devem ser constituídas células e os organismos preconizados pelo 2.° Congresso, constituídos exclusivamente por jovens, de forma a enquadrar e prestar uma eficiente assistência política a todos os jovens que são ou poderão vir a ser membros do Partido e que militem no movimento e nas organizações da juventude.

O essencial, é que não exista uma única célula de empresa ou organização do Partido que não tenha ao seu lado Comissões e organizações juvenis viradas para uma ação legal de massas entre a juventude. O que importa ter sempre bem presente é que a preocupação fundamental de todas as células e organismos do Partido, compostas exclusivamente por jovens, é desenvolverem por todos os meios acções em defesa dos interesses imediatos da juventude, criarem comissões de jovens, actuem no seio das organizações Juvenis existentes, criarem um longo movimento legal e de massas da juventude progressista portuguesa.

Se isto não estiver bem presente, existe a possibilidade de se reavivar antigos tendências sectárias e os nossos camaradas jovens anicharem-se em células e organismos do Partido de outras viradas para as acções legais de massas entre a juventude.

O nosso Partido tem afirmado que é na luta legal de massas que os jovens se formarão no espírito do marxismo-leninismo. Isto é justo e incompleto, pois a formação dos jovens só será sólida se aliarem a luta legal de massas, o estudo da ciência marxista-leninista. Os jovens só poderão encontrar uma resposta para os seus problemas e uma solução acertada para as suas lutas desde que se apoiem no marxismo-leninismo. Só ele e a luta nas fileiras do nosso Partido poderá assegurar a todos os nossos camaradas um sólido espírito de Partido. A campanha ideológica que a reação mundial e o salazarismo está procurando desenvolver e visando especialmente a juventude, exigem que o Partido faça sérios esforços para auxiliar por todos os meios os nossos camaradas jovens a apetrecharem-se politicamente e ideologicamente, a compreenderem a necessidade de estudarem a ciência marxista e dos materiais publicados pelo nosso Partido.

Ao dirigir-se aos jovens, Lênine dizia: *Não se pode ser comunista sem ter enriquecido a memória com todos os tesouros da ciência acumulada pela humanidade... O comunista será um fanfarrão sem consciência se não possuir uma soma suficiente de conhecimentos bem digeridos*. E Lênine acrescentava: *Para aprender, a jovem geração deve constantemente ligar sua instrução, sua educação e sua formação à luta incessante dos proletários e trabalhadores.*

**Unir a juventude não é uma utopia**

Na unidade reside a grande força da juventude. O salazarismo também tem a consciência desta realidade. Daí a ferocidade com que persegue o MUDJ e os esforços que faz para isolar os estudantes dos jovens trabalhadores, para dividir os próprios jovens operários e estudantes.

No julgamento dos 52 jovens, no Porto, um dos juízes estranhou que jovens estudantes lutassem ao lado de jovens operários porque, dizia ele, a sua cultura e interesses são diferentes. O governo salazarista, ao verificar a unidade de todos os estudantes na luta contra o decreto 40.900, foi forçado a recuar, mas procura conseguir na mesma os seus objetivos procurando dividir os estudantes de Coimbra dos estudantes de Lisboa e isolar os do Porto. Dividir a jovem geração para impedi-la a sua luta e a satisfação dos seus direitos e anseios, é a preocupação constante do salazarismo. Unir a juventude para que ela possa lutar com êxito na conquista dos seus direitos, é a tarefa de todos os comunistas, de todos os que amam a jovem geração e vêem nela o futuro da Pátria.

A juventude possui interesses e aspirações comuns a todos os jovens. As condições de vida dos jovens divergem, conforme a camada social que pertencem e, portanto, os seus pais. Os jovens trabalhadores, tal como os estudantes, os camponeses ou as raparigas, têm relações próprias. Mas apesar das várias camadas da juventude possuírem relações próprias, os seus interesses e aspirações identificam-se, são comuns a todos eles. E na medida em que a juventude consuma uma camada particular cujos interesses e aspirações se identificam às possibilidades de a unir não há uma utopia mas uma possibilidade real.

Concordamos inteiramente com o presidente geral da JUC ao afirmar que é indispensável mobilizar todas as forças e possibilidades do Povo para a luta contra o inimigo: *Em 1956, há dois factos que devem ser lembrados, predominando a ação do movimento juvenil e estudantil, se não 1956, mas os dois anos imediatamente anteriores.* A luta de 1956 tem como alvo a luta contra o inimigo: *em 1956, há dois factos que devem ser lembrados, predominando a ação do movimento juvenil e estudantil, se não 1956, mas os dois anos imediatamente anteriores.*
remuneradas, o estabelecimento da jornada de 8 horas para os jovens camponeses e para todos os jovens trabalhadores que muitas vezes são forçados a trabalhar horas extraordinárias sem qualquer retribuição e a executar nas 8 horas o equivalente a 10 ou 12.

A unidade dos jovens trabalhadores poderá forjar-se na luta por estas e outras reivindicações comuns, na luta pela realização dum Congresso Sindical, na luta para que—como diz o jornal da JOC—«a voz dos operários seja também ouvida e respeitada por intermédio de uma organização sindical forte e influente, capaz de defender os interesses legítimos e as justas aspirações dos trabalhadores, que merece a sua confiança, estimulo e apoio...»

Os jovens estudantes e os jovens trabalhadores poderão unir-se na luta contra o desemprego que abrange não só os jovens trabalhadores mas também os estudantes, após a conclusão dos seus cursos; na luta pela consagração de bolsas de estudo aos estudantes pobres; pela redução das horas de trabalho, sem diminuição do salário, aos jovens trabalhadores que queiram estudar; pela melhoria do sistema de ensino, alargamento do campo do pessoal docente, a readmissão dos professores demitidos, a criação de laboratórios eficientes. Uns e outros estão interessados na luta por uma sociedade sindical e na livre criação de Associações Escolares.

Todos os jovens rapazes e raparigas estão interessados em unir-se na luta por aquele fácil a instrução, a cultura e aos desportos, pela edificação dos seus lares, com habitações próprias e condignas. A alegria é uma das características da juventude. A conscientização, a realização de passeios, excursões, competições desportivas e outras atividades recreativas, permitirá que os jovens se aproximem, se conhecem, se unam.

Todos os jovens poderão unir-se na aspiração comum de viver em paz com todos os povos e libertarem-se da ameaça de serem sacrificados numa guerra de exterminio; todos desejam a cessação das experiências com as armas atômicas, a proibição das armas de exterminio, o regresso dos seus irmãos enviados para a Índia e que o dinheiro gasto com a compra de armamento seja consagrado às necessidades sociais e culturais das crianças e da juventude.

Toda a juventude anseia tornar Portugal numa Nação livre, próspera e independente, anseia viver livre de ódios, temores e perseguições, num ambiente de convivência e amizade em que todos se sintam portugueses. Todos os jovens estão interessados em contribuir para que os princípios da ONU a que Portugal passou a pertencem sejam respeitados e aplicados no país. Para o conseguir é necessário que os jovens se unam na luta pela Amnistia a todos os detentos, políticos e de opinião, na luta contra a censura e pela liberdade de criar organizações da juventude e poderem participar na vida política e social do país.

Na luta por estas e outras reivindicações e aspirações da juventude geração que coincide com os de toda a Nação, a juventude encontrará o caminho que a conduzirá à unidade. A recente luta dos estudantes contra o decreto que visava dissolver as Associações Académicas, em que o governo foi forçado a transformar tal decreto em proposta de lei, é o testemunho vivo da possibilidade de unir na luta por objectivos comuns, jovens de todas as camadas sociais, de todas as convicções políticas e crenças religiosas.

Unir a Juventude

Camaradas!

O nosso Partido guia-se pelo princípio leninista de que a juventude constitui uma camada particular que possui interesses e problemas específicos, como tal, necessita de organizações independentes onde os jovens possam dirigir-se a si próprios.

Lênine dizia ao referir-se ao caráter das organizações da juventude: «Sem uma completa independência a juventude não poderá dar bons socialistas, nem preparar-se para levar para a frente o socialismo».

Se os salazaristas e a burguesia reacionária, todos os que procuram impedir a libertação da nossa Pátria e o avanço da humanidade para o Socialismo, têm razões para temer a independência da juventude. Essa é a razão porque a MP não é dirigida por jovens e o Congresso da MP, realizado há um ano, estabeleceu que «as bases normais de recrutamento de dirigentes serão os professores de todos os graus de ensino, os sacerdotes do clero católico e os oficiais das forças armadas», isto é, pessoas que no seu conjunto nada têm de comum com a juventude. Essa também a razão porque as juventudes católicas estão sujeitas às directrizes do Vaticano e ao controle da Acção Católica, porque se opõem à unificação do movimento da juventude e procuram impedir a colaboração entre jovens de diferentes organizações.

Nós, comunistas, não tememos a juventude, nem receamos o caráter independente das suas organizações. Os comunistas que actuam dentro das organizações juvenis criadas ou a criar, devem ser os mais combativos, os mais consequentes, os melhores intérpretes das aspirações da juventude e também os melhores defensores da independência das organizações juvenis.

A juventude portuguesa lutará mais eficazmente em defesa dos seus direitos unida numa organização ou movimento nacional legal e independente que unifique os jovens progressistas, numa organização que o salazarismo não possa controlar. Mas criar uma organização nacional legal da juventude progressista e unificar o movimento da juventude não é uma tarefa fácil. Em Portugal não existem as mais elementares liberdades democráticas. O salazarismo é um regime fascista que persigue com particular ferocidade a juventude. A feroz repressão desencadeada contra o MUDJ, particularmente a partir do momento em que se tornou uma organização nacional da juventude progressista, testemunha as dificuldades que a juventude terá que vencer.

A criação de uma organização nacional legal da juventude progressista e a unificação do movimento
SOBRE O MOVIMENTO DA JUVENTUDE

juvenil depende da envergadura das acções de massas que os jovens consigam organizar, do carácter unitário que procurarem imprimir a essas acções e também do grau de organização, apoio e unidade de todas as forças democráticas.

Para conseguir esse objectivo, os jovens têm um caminho: movimentar as mais largas massas juvenis, agir em todas as organizações e em todos os lugares onde está a juventude, aproveitar todas as possibilidades de luta legal.

É este caminho que estão seguindo os estudantes, que desenvolvem uma intensa actividade em defesa dos seus interesses e na luta pela liberdade das suas Associações. A crescente unidade e envergadura do movimento estudantil, como o prova a luta contra o decreto 49.900, é o resultado do aproveitamento e desenvolvimento de todas as organizações estudantis.

A par das suas Associações ou das ligadas existem organizações como a Casa dos Estudantes do Império, Cine-clubes, Orfeões, Tuna, CITAC e, a RIA, que se esforça por coordenar a acção das diversas Associações e dos estudantes universitários em geral.

A maior debilidade do movimento estudantil, no Porto (onde só existe uma Associação) e nos liceus e escolas técnicas deve-se, principalmente, à inexistência de Associações escolares onde os estudantes possam conviver, unir-se, discutir os seus problemas e orientar as suas acções e devesse, também, ao não aproveitamento de algumas organizações existentes, como sejam a JEC, a MP e as Associações dos Antigos Alunos das escolas técnicas.

Os estudantes estão lutando pela realização dum Congresso e pela criação dumha organização nacional de carácter académico que coordene e unifique a luta de todos os estudantes e de suas Associações. O nosso Partido deverá apoiar estas justas aspirações dos estudantes, que são uma realidade que eles intensificam, a sua acção, reforçarem a sua unidade, aproveitando todas as organizações ligadas aos estudantes e criarem e fortalecerem as Associações escolares em todas as escolas superiores, técnicas e liceais.

Mas os estudantes não podem limitar as suas lutas ao marco das reivindicações académicas, nem ficarem limitados às suas Associações que terão sempre limitações, nas condições de fascismismo em que vivemos. A criação dumha organização académica nacional não anula a necessidade dos estudantes, tal como de todos os outros jovens, de lutarem unidos num movimento independente da juventude, que se o salazarismo não possa controlar, num movimento que alie as reivindicações económicas, culturais e específicas da juventude, a luta pelos seus direitos políticos, de se aliarem à luta geral do nosso povo na luta contra o salazarismo.

Os estudantes, os jovens operários e camponeses, os rapazes e raparigas, terão muito mais possibilidades de lutarem pelas suas reivindicações e anseios se se unirem num único movimento de toda a juventude progressista. Mas esta tarefa é muito mais difícil de realizar até porque os jovens trabalhadores, ao contrário do que sucede com parte dos estudantes, não possuem organizações próprias onde se possam apoiar.

Presentemente, ainda é o MUDJ a única organização independente que procura unir e congrega os jovens de todas as camadas sociais e tendências políticas e religiosas, que alia às reivindicações económicas às reivindicações políticas da juventude. Apesar do retrocesso da sua organização e das suas possibilidades legais, o MUDJ ainda possui fortes núcleos em variadas regiões do país, mobiliza centenas de jovens em diversas acções e pode e deve constituir um importante factor na luta pelo fortalecimento e abandamento do movimento da juventude.

Mas nem o MUDJ, nem qualquer outra organizaçã o ou movimento da juventude, está em condições de unificar a luta de todos os jovens progressistas no plano nacional.

Entretanto, no seio da juventude, nomeadamente entre os estudantes, muitos jovens das juventudes católicas, da MP e de outras tendências, que sofrem a influência do salazarismo ou manteram uma atitude de passividade quanto a ele, manifestam abertamente a sua disposição de luta e fazem esforços para estruturar e dar corpo às várias correntes que estão a surgir. Tal é o caso do agrupamento de jovens republicanos que iniciaram a publicação do boletim "Liberdade", isto significa existir a possibilidade de surgirem ao lado do MUDJ, da MP, das juventudes Católicas e monárquicas, outras organizações de carácter socialista e republicano, até porque é como já analisamos, diversas forças e correntes políticas, além do salazarismo e da igreja Católica, fazem intensos esforços para aflor à juventude.

De tudo isto decorre o perigo da juventude ser atrapalhada para caminhos que não sirvam da melhor forma os seus interesses e dispersar-se, ainda mais em organizações diferentes. Mas se e certo existirem estes perigos, também é certo que o facto de estarem surgindo várias correntes de jovens, que procuram lutar e organizarse, indicam já que a juventude está procurando sair do negrelo em que o salazarismo a lançou e encontrar um caminho para sair das dificuldades em que se debate.

Daqui resulta que se poderão abrir largas perspetivas ao movimento da juventude desde que os jovens do MUDJ, que em muitas regiões do país constituem a única base e ponto de partida para um movimento fora do tabuleiro da juventude, se unam a todos os jovens progressistas e todos compreendam que o melhor caminho que poderão encontrar reside na cooperação e na unificação das acções dos jovens de todas as correntes e tendências políticas e religiosas.

E na unidade combativa de toda a juventude que reside a sua força e a garantia da satisfação das suas reivindicações e anseios. A nossa tarefa reside em auxiliar os jovens a unir e a aceder a várias correntes da juventude em acções comuns, na base dos seus interesses e aspirações comuns. E este caminho que os jovens progressistas estão procurando seguir.

Jovens do MUDJ e do agrupamento de jovens republicanos que iniciaram a publicação do boletim "Liberdade", expressaram o desejo de colaborarem em acções conjuntas. Jovens do MUDJ, católicos do CADC e da MP do Contra, assentaram lutar conjuntamente contra a repressão. E, em Lisboa, dezenas de estudantes de várias correntes políticas e religiosas ao fim de diversas reuniões elaboraram um importante documento sobre as próximas eleições.

Nesse documento os estudantes de Lisboa concluíram que: *Verifica-se que não é concedido a
Universidade, o auxílio mínimo necessário a um trabalho razoavelmente eficiente. 2."—Existe uma intromissão constante e intensa na vida interna da Universidade por parte do Estado; 3."—Que estes factos não são esporádicos, mas correspondem a uma orientação governamental constante e como tal só podem encontrar solução num plano político.

O mesmo documento expressa o desejo de que toda a Oposição se apresente entusiasticamente ao próximo acto eleitoral e a conclusão de que os estudantes universitários de Lisboa devem assumir um universitário como candidato a deputado, por forma a assegurarem convenientemente a defesa dos seus interesses.

Os estudantes de Lisboa estão seguindo um justo caminho e, na medida em que os interesses e aspirações dos estudantes coincidem e se identificem com os de toda a juventude, o movimento estudantil em embrião, poderá ser o ponto de partida para um longo movimento da juventude progressista, os jovens de todas as camadas sociais e de todas as tendências políticas e crenças religiosas, um movimento de ampla unidade e inteiramente independente, com características e possibilidades legais mais largas que o MUDJ, na luta pelas reivindicações e mais queridas aspirações de toda a juventude, na luta pela defesa e salvaguarda da paz, na luta pela democracia e a independência nacional.

Entretanto, é necessário salientar que só um longo movimento juvenil de massas, impulsionado de baixo para cima, aliado às possibilidades legais que se abrirem nos próximos actos eleitorais, poderá abrir o caminho para a criação dum longo movimento nacional da juventude progressista. Esse movimento só poderá surgir se ele se apoiar em todos os locais de trabalho, em todas as organizações juvenis existentes, em todos os lugares onde está a juventude e, sobretudo, na juventude operária.

A nossa grande tarefa é mobilizar a juventude para a luta pelos seus interesses e anseios mais imediatos, é unir toda a juventude e, principalmente, a juventude trabalhadora que constitui a esmagadora maioria da jovem geração portuguesa, a camada mais combativa e que mais sofre com as consequências da criminosa política salazarista.

As nossas energias e os esforços essenciais e imediatos de todos os jovens devem orientar-se na criação de dezenas e dezenas de largas e variadas Comissões de unidade juvenil (nas fábricas, nos campos, em cada localidade), que encabeçem acções em volta das reivindicações e aspirações da juventude. Comissões que orientem acções por aumentos de salário e pela promoção de categorias; Comissões que organi

Musical Portuguesa. Que lutem nos sindicatos, nas casas do povo e dos pescadores, nas associações académicas e associações de amigos alunos, nas centenas de pequenas e grandes coletividades culturais, recreativas e desportivas, nos grupos excursionistas, nos cine-clubes, etc.

No aproveitamento de todas as possibilidades e organizações legais existentes, no desencarnamento de largas e variadas acções, na luta pela liberdade de realizar o Congresso sindical, o Congresso dos estudantes, o Congresso da JUC, o Congresso campista, acampamentos nacionais, na luta eleitoral que se aproxima, encontram-se a base fundamental que conduzirá ao alargamento do movimento de massas da juventude, que levará todos os jovens a conviver, a colaborar, a criar um clima de aproximação e a uni

icação do movimento da juventude.

Desde que os jovens do MUDJ e todos os jovens progressistas pertencentes às diversas organizações juvenis existentes, se lances audaciosamente na luta pela união da juventude, sem olhar para as tendências políticas ou crenças religiosas de cada jovem, começem desde já a cooperar na luta pela satisfação das aspirações da juventude, pela salvaguarda da paz e da independência nacional, nas mais variadas acções e Comissões de caráter local, regional e nacional, abrir-se-á o caminho para a criação dum futuro e amplo movimento nacional legal e independente da juventude progressista portuguesa.

Existem duas questões que não devemos confundir. Uma, a mais imediata e a decisiva, consiste em desencarnar as mais variadas acções de massas da juventude, organizar os mais diversos tipos de comissões juvenis, utilizar todas as organizações juvenis já existentes e aproveitar todas as possibilidades legais. Por este caminho, forjaremos um amplo movimento juvenil de massas.

A outra questão consiste em organizar acções unitárias e a cooperação entre as diversas comissões e os jovens de diferentes organizações juvenis, canalizando progressivamente todo o movimento de massas para a criação dum organizaçao nacional legal da juventude progressista.

Isto significa ser necessário compreendermos que este objectivo só poderá ser conseguido gradualmente e lutando em duas direcções convergentes: forjar um amplo movimento juvenil de massas e, quando for possível, criar uma organização nacional legal da juventude progressista que pela sua envergadura e pelas massas juvenis que unir e mobilizar, o salazarismo não possa impedir a sua criação nem a sua existência.

Camaradas!

O nosso Partido só poderá desempenhar o papel histórico que lhe está destinado, considerando o trabalho de mobilizar unir a juventude como uma das mais urgentes e decisivas tarefas.

O Congresso do nosso Partido, com toda a sua autoridade, deve indicar uma viragem no sentido de fazer o Partido participar nos esforços para ganhar a jovem geração para a luta por um Portugal livre, democrático e independente, onde a juventude possa contribuir para o renascimento e engrandecimento da nossa Pátria, satisfazer as suas nobres aspirações e edificar um futuro de paz e felicidade.
Preço: 1$00